



Verifica-se uma crescente resiliência das empresas e não é uma resiliência de sobrevivência. É uma resiliência no bom sentido.

Esta almofada que o crescimento das taxas de juro traz à margem financeira dos bancos [afasta] um risco de perdas substanciais.

A origem de investidores não é a mesma, mas o interesse sobre Portugal mantém-se ou aumentou.

VÍTOR RIBEIRINHO
CEO da KPMG Portugal



O CEO e "chairman" da KPMG Portugal acredita que as empresas portuguesas estão mais fortes e afasta receios de uma "cadeia de insolvências".

CONJUNTURA

“Verifica-se uma crescente resiliência das empresas”

Os empresários continuam a acreditar que há margem para crescer e o risco do aumento do crédito malparado ou de crescerem as insolvências é relativamente reduzido, sustenta Vítor Ribeirinho. O CEO da KPMG diz que os bancos estão hoje mais bem preparados para enfrentar a crise.

FILOMENA LANÇA

filomenalanca@negocios.pt

Verifica-se no mercado português “uma crescente resiliência das empresas e não é uma resiliência de sobrevivência. É uma resiliência no bom sentido, uma capacidade de reagir às adversidades, de se renovarem, de fazer investimento”. Tanto que “estão hoje mais bem preparadas” e, se é certo que “há

uma consciência de que estamos quase numa recessão, essa consciência faz com que as empresas, elas próprias, tomem medidas preventivas para garantir que pode ser ultrapassada”. A análise é de Vítor Ribeirinho, CEO e “chairman” da KPMG Portugal, que considera que ainda que tenhamos “uma conjuntura e indicadores que exigem maior prudência”, não temos neste momento “um risco elevado de termos uma cadeia de insolvências no nosso tecido empresarial”.

Em entrevista ao Negócios, o especialista fala num “otimismo moderado”, decorrente do “bom sinal que 2022 nos deu, apesar do arrefecimentos nos últimos tri-

mestres, em consequência, também, da geopolítica e de fatores exógenos”, e das perspectivas de crescimento para o país, entre os 1,8% e os 2% este ano.

A inflação e as taxas de juro são, naturalmente, o que mais preocupa os investidores, aponta. Ainda que, no primeiro caso, seja de “esperar uma atenuação gradual” e, no segundo, “a expectativa seja de que se possa chegar a níveis moderadamente mais baixos do que os que tivemos no passado recente”.

“É verdade que há ainda uma inflação elevada e isso poderá conduzir a outras subidas das taxas de juro, mas eu diria, e sou um bocadinho otimista nesse aspeto, que

há uma certa tendência para que os aumentos ou venham a manter-se mais reduzidos e até ao final deste ano possam chegar a uma estabilidade de preços”, afirma. Embora reconheça que, naturalmente, “o risco de termos empresas novamente em situação mais difícil nos próximos meses é substancialmente diferente daquela que tivemos nos últimos três ou quatro anos, em que vivemos felizmente num período de recuo”.

O CEO da KPMG acredita, por outro lado, que o setor bancário conseguirá navegar, de forma relativamente tranquila, por entre os vários perigos que a atual conjuntura encerra. Na consultora, um

peso substancial de serviços são prestados à banca e “aquilo que fomos observando [durante o período da pandemia], foi uma certa despreocupação dos banqueiros relativamente à conjuntura, ou seja, sempre tiveram confortados de que a conjuntura e as medidas tomadas eram suficientes para mitigar esse risco”, diz. Mas essa despreocupação mantém-se? Vítor Ribeirinho acredita que sim. “Mesmo havendo uma expectativa razoável de que o malparado possa crescer ao nível das famílias e também das empresas, eu diria que esta almofada que o crescimento das taxas de juro traz à margem financeira dos bancos é um fator que dissocia desse risco,

ou seja, de haver um risco de perdas muito substanciais”.

Empresários confiantes

O último barómetro da KPMG resultante de inquéritos aos empresários sobre as perspectivas económicas para as suas empresas, revelou que os gestores portugueses se mantêm otimistas, e mais de 64% dos inquiridos consideraram que nos próximos três anos há “boas condições para que o crescimento económico se mantenha”, explica Vítor Ribeirinho. Já quando a pergunta é em relação ao país, “já há um pessimismo generalizado”, acrescenta. E aí, uma das palavras-chave, defende, é “investimento”.

Do Estado, e das próprias empresas, que têm de ter “capacidade para fazer os investimentos necessários na sua amplificação, nos seus negócios, quer seja em Portugal, quer seja no exterior, na contratação continuada de pessoas e na retenção de talentos”.

E aqui entra a questão fiscal. Os impostos são muito altos em Portugal e retiram margem de manobra aos empresários, defende o CEO: “A verdade é que continuamos a assistir à fuga generalizada do talento nacional”.

O atual regime dos residentes não habituais (20% de IRS para os chamados cérebros) não é atrati-

vo? “Não, e aqui o Estado tem de nos dar uma ajuda”, avisa. O ministro das Finanças, refira-se, não tem dado grandes sinais de ter alguma intenção de mexer nas taxas de IRC. Mas da Economia veio alguma esperança, quando o ministro “assumiu há uns dias que nem sempre Portugal tem garantido um caminho suficientemente incisivo nessa matéria [fiscal] que nos permita comparar” com os parceiros.

Para as empresas há agora o anúncio de uma nova contribuição extraordinária, para o alojamento local. Vítor Ribeirinho desdramatiza, “Há uma conjuntura favorável a que o Governo possa tirar alguma tributação adicional de um setor que está com muita pujança, e não me parece que o objetivo seja penalizar o alojamento local”, afirma. Quanto à taxa, “será quem nos visita que a vai pagar, não tenho dúvida nenhuma”, diz.

Nesta opinião, há um problema com a habitação que é preciso resolver e o setor imobiliário está suficientemente forte para aguentar o embate das novas medidas. A começar pelo fim dos vistos “gold”, que, sublinha, foram muito importantes na atração de investimento. Hoje “a origem de investidores não é a mesma, mas o interesse sobre Portugal mantém-se ou aumentou”, conclui. ■

De Évora para o Médio Oriente. KPMG quer descentralizar conhecimento

Consultora aposta na “descentralização” e, depois do Alentejo, prepara novos investimentos, desta feita para a região do Porto e interior. Objetivo é levar a empresa para onde possam estar especialistas.

A KPMG vai inaugurar em junho um “hub” tecnológico em Évora, uma parceria com a Universidade local e que vai ser uma extensão do centro tecnológico sediado em Lisboa e no qual a consultora tem vindo a apostar nos últimos anos. A ideia é “fazer projetos internacionais à escala global a partir de Portugal” e um dos alvos é o Médio Oriente, onde a KPMG está já a desenvolver negócios. Tudo numa lógica de descentralização, sendo que, além de Évora, há outras apostas na calha, também fora de Lisboa, mas na região do Porto.

Vítor Ribeirinho, CEO e “chairman” da KPMG Portugal, explica que a palavra-chave é “descentralização”. Porquê? “Grande parte dos projetos tecnológicos que estamos a desenvolver para o mundo, podem ser trabalhados aqui, em Évora, ou noutro lado” qualquer, sendo que Évora, e mais concretamente o Parque de Ciência e tecnologia do Alentejo, dentro da própria universidade, “demonstrou desde o início grande disponibilidade para acolher um projeto desta natureza”.

O compromisso, continua o responsável, “é ter capacidade de contribuir para a formação desses jovens, convencê-los de que a qualidade de vida e os projetos que temos para oferecer em Évora são tão bons como os de Lisboa e que têm uma capacidade de fazer a sua internacionalização, trabalhar para mais de 20 países, naquilo que estamos a fazer através do Centro de Tecnologia”. Trata-se de um “projeto piloto, mas, dentro desta dinâmica da descentralização, estamos a pensar ir para outros sítios”, sublinha, em entrevista ao Negócios.

Vítor Ribeirinho, 55 anos, fez praticamente toda a sua carreira na KPMG, onde entrou há 25 anos. É CEO e presidente do conselho de administração desde outubro de 2021, e para os cinco anos de mandato tem o objetivo de “quase duplicar” os recursos humanos da consultora. Em 2022 entraram 450 pessoas, das quais 270 jovens recém-licenciados que reforçaram as três áreas de negócios: auditoria, fiscal e consultoria. “95% passam aos quadros da empresa ao fim de seis meses de período experimental”, explica. Em 2023, a meta é idêntica: contratar mais 450 pessoas, e o objetivo é que dentro de um ou dois anos “ter cerca de 100 pessoas a trabalhar em Évora”.

Em termos de faturação, Vítor Ribeirinho quer terminar os cinco anos do mandato perto dos 200 milhões de euros anuais, o que compara com os 112 milhões registados em 2021. “Para isso precisamos de chegar às 2.000 pessoas” e uma das grandes apostas passa pela área da inovação, explica o responsável.

A consultora está presente em mais de 143 países e, por cá, Évora não será o único destino em matéria de descentralização.

No último ano, mais de 10 milhões de faturação da KPMG Portugal vieram do Médio Oriente.

“Estamos a olhar para outras regiões do país, mais a Norte, e estamos em processo negocial com alguns parceiros dessas regiões, mas sempre dentro da mesma filosofia”, ou seja, “que a KPMG vá para a região e possa integrar-se com a região”, assinala Ribeirinho, adiantando apenas que será “na zona do Porto, mas mais para o interior”.

“Temos de acelerar a nossa capacidade de investimento, como forma de conseguir aumentar o nosso posicionamento em Portugal, mas sobretudo na rede global”, assinala, acrescentando que a KPMG investe cerca de 17 milhões no último ano e meio. “Estamos a falar em pessoas, inovação, “hub” tecnológico, e novos espaços”, com escritórios em Lisboa, Porto, Miraflores e a partir de junho também em Évora, com o “hub” tecnológico.

A empresa tem hoje presença no Médio Oriente, com capacidade financeira, mas “uma enorme dificuldade em ter talento para fazer face a toda a revolução tecnológica que está a acontecer na região, nomeadamente na Arábia Saudita, no Dubai, Bahrein, no Kuwait”, exemplifica Ribeirinho. “Este é um mercado nicho que temos vindo a desenvolver e no último ano, mais de 10 milhões de euros de faturação da KPMG Portugal veio da região”, sendo que o objetivo é “duplicar nos próximos dois anos”, descreve, sendo que um dos projetos em cima da mesa passa por “replicar lá o nosso centro tecnológico”, a partir desta região”, mas “com recursos mistos”, ou seja, meios humanos de lá, formados pela KPMG “ajudando a desenvolver os talentos lá”, remata. ■